

Duas entrevistas com Heliana Conde: formação, clínica, docência e vida.

Two interviews with Heliana Conde: training, clinical practice, teaching and life.

André Rossi.

Formação Livre em Esquizoanálise – FLEA.

RESUMO:

O artigo faz uso dos diários de campo de duas entrevistas feitas com Heliana Conde nos anos de 2017 e 2019 para a feitura do meu doutorado. A questão principal à época era sua participação no IBRAPSI. O que vemos, é o que esperamos de Heliana: uma pessoa complexa de múltiplos pertencimentos que naquele momento já estava fazendo uma reavaliação da vida. Heliana traça a trajetória desde sua graduação na UFRJ, passando pelo IBRAPSI, sua formação clínica, suas intervenções em Análise Institucional, suas “horas de voo” em grupos operativos, seu pertencimento ao Núcleo de Psicanálise e Análise Institucional, até aquele momento numa UERJ em greve, já próxima de sua aposentadoria. Uma das principais questões que atravessa todas as experiências institucionais relatadas é o processo de institucionalização numa espécie de repetição trágica de um trabalho contratual que nunca finaliza.

Palavras-chave: Análise Institucional; Institucionalização; Autodissolução.

ABSTRACT:

The article makes use of field diaries from two interviews conducted with Heliana Conde in 2017 and 2019 for the completion of my doctorate. The main question at the time was her participation in IBRAPSI. What we see is what we expect from Heliana: a complex person with multiple affiliations who, at that moment, was already reevaluating her life. Heliana outlines her trajectory starting from her undergraduate studies at UFRJ, through IBRAPSI, her clinical training, her interventions in Institutional Analysis, her “hours of flight” in operative groups, her affiliation with the Center for Psychoanalysis and Institutional Analysis, and up to that moment in a UERJ on strike, close to her retirement. A central issue common to all these experiences is the ongoing process of institutionalization, a tragic repetition of never-ending contractual work.

Keywords: Institutional Analysis; Institutionalization; Self-dissolution

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88568

INTRODUÇÃO

Não imaginei que dois anos após a morte de Gregorio Baremlitt, tendo escrito para ele um texto semelhante a pedido de Heliana, estaria eu aqui revisitando meus arquivos para fazer algo para ela. Este ato comporta tristeza por sua perda, mas muita alegria por reverenciar sua memória. A ideia é seguir o espírito do Encontro Modulações Helianas: docência, militância, escrita, trazendo neste texto algumas memórias e sobretudo os temas debatidos nas duas entrevistas que ela me concedeu em 14.11.2017 e 28.05.2019 para a pesquisa de doutorado em torno dos egressos do IBRAPSI e a questão da formação clínica em esquizoanálise. Os temas que compareceram foram: sua formação na graduação, sua formação clínica no IBRAPSI, sua docência e coordenação de grupos operativos no IBRAPSI, a participação no grupo dissidente-instituente Núcleo de psicanálise e Análise Institucional, sua docência universitária, além de diversos casos e vinhetas dos encontros com amigos, análises, analistas etc. Uma vida múltipla e repleta de muita contribuição para o campo da psicologia, da psicanálise e da Análise Institucional. Em sua maior parte, a base deste artigo foram os diários de campo, entremeados com as referências citadas ao longo e um pequeno comentário final sobre quatro pontos importantes em torno da institucionalização e da formação clínica.

Primeira entrevista (Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2017)

Marcamos na UERJ, às 11h em sua sala de professora. O ambiente da UERJ, parcialmente funcional é um pano de fundo um tanto desolador. Era um período longo de greve. Apresentei a pesquisa para ela falando da questão da dupla faceta, teórica e empírica. Ao contrário do que eu imaginava, ela não só não se focou no campo ibrapSIano, como foi elogiosa e não foi refratária a uma pesquisa teórica que tente delimitar esse campo de dispersão para pistas para uma esquizoanálise.

Graduação e formação no IBRAPSI

Iniciamos por sua trajetória de formação e como ficou sabendo do IBRAPSI. Ela teve uma graduação em psicologia na UFRJ que ela considera que foi “horível com algumas coisas boas” como, por exemplo, a aula com o prof. Luiz Alfredo Garcia-Roza (que mudou muito durante o curso) e alguns debates com o Prof. Franco Lo Presti Semiério. Ela fazia muitos estágios e desses trabalhos conseguia seu dinheiro. Quando se formou, perdeu todos, não tendo imediatamente mais nenhuma renda. Havia acabado de se casar também. Como era muito boa em matemática, conseguiu ser professora na Santa Úrsula dando aula de estatística,

psicometria e técnicas de pesquisa para a psicologia durante cinco anos. Conta com risos que foi paraninfa de uma turma sendo dela professora de estatística. Ela ri, comentando que poderia ter encerrado ali sua carreira de professora, pois esse foi realmente um grande feito. Ao mesmo tempo entrou pra um mestrado na Fundação Getúlio Vargas. “Era aquela coisa, eu precisava de uma bolsa”. Com esse mestrado na Fundação ela começou a se interessar muito por epistemologia com uma certa marca política. Estudava Bachelard, Althusser entre outros.

Mais ou menos por volta de 1980 ficou sabendo do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições, que segundo sua perspectiva, era profundamente althusseriano na estrutura de funcionamento. A questão do IBRAPSI era modos de produção de conhecimento. Na mesma época, sua aluna na Santa Úrsula, Maria Beatriz Sá Leitão, a chamou para fazer parte de uma pesquisa, num grupo de estudos encabeçado pelo Osvaldo Saidon, que precisava de alguém que pudesse fazer uma discussão metodológica num projeto a ser enviado para o CNPq. Entrou então ao mesmo tempo na formação do IBRAPSI e nesse grupo de pesquisa que estudava a importância dos grupos na saúde mental. Segundo ela, o IBRAPSI veio oferecer um outro tipo de formação em psicanálise. Eu ali como entrevistador e interessado também nas discussões ditas epistemológicas, sobretudo nas delimitações de “campo”, marco em cima de sua fala: “em psicanálise?”. Ela responde que sim. Eu digo em seguida que Suelena Werneck e Mônica Silva a citam como uma pessoa que as influenciou a entrarem no IBRAPSI. Ela concorda. Heliana ingressa como aluna, mas rapidamente começa a dar aulas também, talvez no segundo ou terceiro semestre.

Ela relata que a formação no IBRAPSI era feita através de mais ou menos três disciplinas por semestre. A primeira, uma de “epistemologia materialista descontinuista” onde se lia Bachelard, Althusser e Marx, dada por Gregorio Baremlitt. Diz-me que posso ver isso num artigo do Gregorio que está no livro *Questionamos*¹ em que ele critica a formação nas instituições oficiais argentinas. Esse enfoque mais epistemológico era um combate à formação argentina que pensava uma psicanálise muito técnica, uma “psicanálise aplicada”. Eles queriam (aí Heliana já se incluía como formadora) dar uma base conceitual para diversos tipos de intervenção, não necessariamente “curativas”. A segunda, de teoria psicanalítica, uma disciplina bem conceitual. A terceira, uma de técnica, dada por Luís Fernando de Mello Campos.

A avaliação era feita por prova escrita e prova oral individual com Gregorio. Eu, que já havia ouvido algumas histórias relacionadas às entrevistas de entrada e às entrevistas dos

¹ Cf. BAREMLITT, G. Psicanálise, ideologia e política.

pacientes da clínica escola, digo que era muita disposição do Gregorio para fazer prova oral com aproximadamente cinquenta pessoas. Heliana responde: “Trabalhava-se muito e sem peso, mas prova oral – imagina?! - às vezes parecia que a gente era criança do primário. Acabava sendo interessante...Eu me lembro de algumas vezes aguardar o Gregorio para entrar no consultório dele e fazer uma pergunta teórica. Havia muita generosidade naquela época. Não era somente no IBRAPSI. Talvez em outras instituições também existisse histórias assim. Tinha uma coisa ao mesmo tempo generosa e muito complicada. O IBRAPSI era uma instituição com donos. Gregorio dizia que todo o outro funcionamento que não ter dono é mentiroso, porque sempre tem. Os donos são os didatas nas instituições oficiais. Depois os lacanianos inventaram outras modalidades. Talvez uma discussão que você tenha que fazer.” Eu pergunto se o argumento dele era de imediato se declarar como dono como forma de não hipocrisia. Ela responde que sim. Uma maneira de manter uma diretriz clara. “Não vai ser assim porque eu não quero. Vai funcionar de um modo e não de outro, porque isso aqui tem dono e a minha linha teórico-política é essa, então é assim que vai ser”. Ela segue: criou-se muitas instâncias deliberativas para minorar esses efeitos, embora as assembleias fossem coordenadas por Gregorio e Luís Fernando. Algo de engraçado acontecia quando alguém se tornava muito desagradável na assembleia e Gregorio propunha uma “*moción de expulsión*” (sic). Ela relata com riso e espanto, afinal nunca ouviu falar que isso tenha existido em nenhuma outra assembleia. Ninguém era expulso, mas ele propunha isso.

Depois de um tempo com um tipo de reforma curricular, as aulas foram oferecidas por demanda, então dependendo da turma, tudo isso mudava. Após essas aulas havia os grupos operativos que serviam para o aluno ser protagonista de sua formação, discutindo em grupos menores, o conteúdo das aulas. Inicialmente o IBRAPSI contava com mais de cem alunos divididos em turmas, o que foi caindo durante os três primeiros anos. Sua turma tinha em torno de cinquenta alunos. Os grupos operativos funcionavam com seis ou sete pessoas. Heliana foi somente aluna por um tempo e depois se tornou coordenadora de grupos operativos. Ela contou com risos - algo que já a ouvi dizer em algumas de suas aulas - que não fazia e não participava mais de grupos operativos porque tem “horas de voo suficiente”, seja como participante ou coordenadora. Relata-o como um dispositivo de formação muito conflitivo. Havia muito debate nos grupos operativos. Seu tom não demonstrava um erro na implementação da ferramenta, mas sua operatória própria: questionar, fazer o aluno ser protagonista.

Análise pessoal e anedotas

Em relação à análise de grupo, Heliana fez um tempo com Osvaldo Saidon logo que entrou, mas não “estava suficientemente ibrapsianizada” e começou a se angustiar por ele conjugar dupla função de coordenador de pesquisa e analista. “Aquilo pirou a minha cabeça”. Pensou em fazer com o Eduardo Losicer, mas Luís Fernando disse “que eles não se dariam muito bem, que era pra ela procurar a Silvia Galperin”. Segundo ela, foi uma ótima análise. Heliana relata que fez três análises efetivas em sua vida. A primeira com Silvia Galperin, que foi engraçada e hoje pensa que tinha muitas coisas legais; a segunda que foi ótima, onde rapidamente seus embaraços estavam dirimidos, que ela reconhece a eficiência como da ordem do encontro (penso eu, importante para entender a discussão posterior sobre sua irritação com o especialismo da clínica); e uma terceira que nunca funcionou. Voltando a sua primeira análise, conta que numa das festas, a analista pergunta: “Heliana, me mostra a sua mãe?” Heliana reproduz na entrevista um semblante do tipo: “oi, pode isso?”. Silvia então explica que as vezes seus pacientes descrevem a mãe de uma forma específica e ela gostava de conhecer a pessoa pra pensar essas imagens. Eu, que já estava no clima descontraído da entrevista, acrescento: “análise com pesquisa de campo?”. Heliana diz que na época primeiro pensava “pode isso?”, ou seja, achava estranho, mas em seguida engraçado. Hoje em dia pensa que isso era uma prática bem interessante. Era uma analista bem direta. Numa outra época foi fazer supervisão com a Silvia, mas também passou pelo mesmo problema de confusão. Depois de um tempo Silvia a ajudou definitivamente a transformar o incomodo com o atravessamento de funções e referências. Para ela, Silvia não dava lugar para um excesso de fantasia transferencial. Certa vez Silvia disse a um colega de Heliana, em supervisão de grupo, “você está tentando transformar seu paciente psicótico num neurótico chatérrimo”. Heliana completa: “eram intervenções muito esquizo, sem necessariamente remeter à esquizoanálise. Havia um agradável funcionamento esquizo e havia outras coisas absurdas, mas o IBRAPSI mudou a minha vida que já estava mudando. Aconteciam muitas coisas engraçadas, tinham muitas festas. O meu interesse pelo IBRAPSI inicialmente era porque ele tinha uma leitura da psicanálise menos clínica, mais epistemológica, mais teórica. Tinha muito a ver com meu lugar de professora. Claro que entrando, eu não ia deixar de fazer clínica.”

Conta com risos duas anedotas da clínica do IBRAPSI. Um paciente da Suelena sentiu que sua fala íntima e vergonhosa para si tinha sido ouvida por um pintor que fazia serviço no

lado de fora dos consultórios da clínica social. Ele sentiu que não poderia sair dali porque seria identificado. A analista então aproveitou um fluxo de alunos saindo da aula e o encaixou naquele anonimato coletivo. A segunda, foi de uma psicóloga que ao ir ao banheiro após terminar a sessão - banheiro este dentro da sala - ficou presa nele, porque a próxima analista com seu paciente entrou e iniciou imediatamente uma sessão.

A clínica, a crise e o racha

A clínica foi responsável pelas maiores crises do IBRAPSI, justamente por conta da questão do aumento da porcentagem cobrada a partir da crise financeira que se abateu sobre a instituição. Segundo Heliana, o IBRAPSI funcionou para dois tipos de pessoas, nos quais ela não se encaixava: a) bom para os jovens, recém formados, que tinham imediatamente acesso a um grupo de companheiros, poderiam fazer clínica e ter oportunidade de se inserir em práticas públicas de saúde mental; b) muito bom para quem já tinha estrada e não gostava de nada daquilo que estava fazendo – o pessoal do “cansei, quero fazer outra coisa”. Heliana se situava mais para a categoria de pessoas que já tinha “estrada”, mas uma estrada universitária. Segundo sua análise, o pessoal que ficava no meio disso não suportava. Saíam muito. Levas e levaras de evasões e rupturas.

As supervisões eram em grupo e com o próprio Gregorio. Numa época em que a clínica ibrapsiana cresceu muito, a casa ao lado foi alugada para torna-se sua clínica escola. Gregorio em pessoa entrevistava todos os pacientes e os distribuía entre os alunos em formação². “Sem falar em propriedade, isso conferia um poder imenso.” Ele perguntava: “os senhores querem que tipo de pacientes?” Heliana brincava: “continue me enviando mulheres bonitas”. Risos. Aliás, essa prática da entrevista era comum na instituição. Ela ocorria na entrada. Todos os alunos eram entrevistados. Ela considera com humor que não sabe se essa entrevista funcionava em alguma instituição psicanalítica. Existia muita gente louca, mas não sabe se alguém era afastado por loucura. Era só pra conhecer mesmo o candidato. Eu demonstro espanto por esse fluxo, parte pela grande demanda, parte por sua concentração. Heliana responde que se trabalhava muito naquela época, mas não era sofrido. Vivia-se aquele projeto. Pergunto sobre a análise de grupo, se existia um empecilho a falar as coisas por conta do período ditatorial. Heliana diz que não, a não ser que a pessoa fosse da luta armada. Aí sim

² Outras entrevistas de campo de pesquisa revelam que não era somente o Gregorio que fazia as entrevistas clínicas. Eduardo Losicer relata que foi ele quem organizou a clínica escola iniciando as entrevistas de triagem/acolhimento.

talvez não falasse, mas não era o padrão. As pessoas falavam sim. Pergunto se ela participou de intervenções institucionais. Ela diz que não. Não foi do DAI (Departamento da Análise Institucional). Atendia somente nos consultórios.

Essas trajetórias são mesmo interessantes, porque outra ex-aluna, Lúcia Amarante, hoje uma lacaniana, veio do RH, fez várias intervenções institucionais encomendadas ao DAI – IBRAPSI juntamente com Gregorio e Heliana, que passou a maior parte de sua vida como professora, uma referência da A.I, foi uma psicóloga clínica/analista de consultório sem nunca ter passado pelo DAI. Inclusive, sobre isso, a entrevista inicia com Heliana me indicando o livro do Castel, retomando a discussão sobre o privatismo da clínica. Ela diz então: “pense em mim estudando ‘O psicanalismo’ do Castel com todas aquelas críticas e logo depois indo atender? Aquilo era bem conflitivo. Eu ia atender pensando: agora vou fazer privatismo e psicologismo”. Ela demonstra espanto do porquê “um livro ótimo como aquele, hoje em dia não é mais lido.”

Saída e criação de outras instituições

Heliana sai por volta de 1984/1985. Seu grupo sai e funda o Núcleo de Psicanálise e Análise Institucional. Relata que foi triste sair. Depois se alegraram com o Núcleo. Nessa época chegaram Regina Benevides e Cecília Coimbra. Muitos que romperam foram fazer grupo de estudo com Claudio Ulpiano também. Ela saiu no momento em que a coordenação propõe transformar o IBRAPSI numa cooperativa. Quem não quis: os coordenadores de grupos operativos, muita gente da clínica... “queríamos a autogestão do IBRAPSI, não queriam comprar nada. Queríamos uma transformação menos jurídica e mais pelo movimento” Seu grupo não quis, mas teve um grupo que quis: era o grupo dos analistas institucionais. Segundo ela, não havia quase psicólogos ali, então viram a oportunidade deles de se tornarem terapeutas. Isso era encampado por “Gregório [que] veio com um canto da sereia... ‘vocês agora serão esquizoanalistas e analistas institucionais...’”³. Esse grupo que ficou era o DAI que anos depois rompeu também e foi criar o CESOP (Centro de Estudos Sociopsicanalíticos). Ambos – Núcleo e CESOP – duraram em torno de cinco ou seis anos, até mais ou menos 1990. “Tudo isso era muito atraente naquele momento. Eu às vezes tenho muita saudade daquele momento, porque achava que fosse em que conflitiva fosse, sempre

³ Na tese eu complexifico melhor essa questão dos rachas, quem sai e quem fica. Eram forças mais complexas do que somente esse canto da sereia, mas deixamos aqui a força desse relato único, espontâneo, crítico e bem humorado de Heliana.

achava que estava com a razão. Isso era muito engraçado. Um entusiasmo... essa ideia da utopia ativa. ‘Nós temos a verdade e ela se realizará. Se ela não se realizar aqui, a gente sai e funda a verdade...’ A verdade é a liberdade”. Pergunto se o IBRAPSI continuou e como. Ela diz que seguiu como cooperativa. O CESOP era uma instituição mais parecida com o IBRAPSI do que o Núcleo. Os alunos decidiam a cada semestre as aulas que queriam ter. Ele funcionava numa linha mais autogestionária.

Voltando a questão do racha, Heliana situa um pouco melhor o contexto. Como o IBRAPSI começou a ficar mal economicamente, a porcentagem que a instituição pegava sobre o atendimento dos clínicos aumentava. Essa decisão era exclusiva do Gregorio e Luís Fernando, sendo informada nas assembleias. Isso reforçava o caráter proprietário da instituição e causava muito mais conflitos. As assembleias tinham seu limite, porque muita coisa era informada e não podia ser debatida. Gregorio ficava muito enraivecido com alguns questionamentos. Era uma limitação dele. Sobre isso, ela relata, que Armando Bauleo falou para Gregório: “como não quer ser questionado? O funcionamento dos grupos e assembleias são para isso”. Eu digo que os entrevistados foram montando essa imagem de um Gregorio que foi ficando cada vez mais reativo e agressivo. Heliana diz que sim. Ela mesma brigou muito com ele. Numa certa vez, quando ela era a coordenadora dos coordenadores de grupos operativo, seus coordenados fizeram uma carta questionando várias coisas. Gregorio disse a ela que sabia que ela não tinha a ver com aquilo. Ela discorda e diz que concorda com tudo o que estava escrito na carta. Anos depois após o racha, para fazer sua tese, quis entrevistá-lo, mas tinha receio de como seria recebida. Ele a recebeu muito bem. Crê que todas as suas brigas com Gregório foram muito diretas e claras. Não teve espaço pra ressentimento. Aliás, ela faz um adendo curioso: acha que no IBRAPSI não teve espaço pro ressentimento! Retruco dizendo que compareceu sim ressentimento nas entrevistas. Ela diz que de sua parte não há. Voltando ao racha, Heliana o localiza nesse momento de ruptura (Núcleo, CESOP e cooperativa), mas pondera que houve uma multiplicidade de quebras. Coincide também com o fim da ditadura argentina, de forma que muito dos argentinos voltaram para sua pátria. Gregorio Baremlitt e Eduardo Losicer ficaram, mas Osvaldo Saidon, Vida Rachel Kamkhagi e Silvia Galperin voltaram, por exemplo.

Eu pergunto se a entrada do *Mil Platôs* e *O inconsciente maquínico* em cena depois de 1980, transforma em algo a cena desses estudos esquizoanalíticos. Ela diz que no IBRAPSI não, mas depois cita que um pouco antes do término da ditadura e do retorno dos argentinos

há uma espécie de virada esquizoanalítica⁴ principalmente nos grupos de estudos que Gregorio tinha. Eles liam O psicanalismo e em seguida O Anti-Édipo. Uma outra questão é que após o II Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, ou seja, de 1982 em diante, ocorreu a invasão do lacanismo no Rio de Janeiro. A proliferação das escolas lacanianas veio também fazer esse descentramento da IPA. Por isso a clínica do IBRAPSI começou a esvaziar e há o aumento da porcentagem. O discurso sobre a esquizoanálise então se intensifica como uma forma de combater o lacanismo. Uma forma de destacar-se do lacanismo, criticando-o, ao mesmo tempo oferecendo um “produto” diferenciado.⁵

A entrevista sempre variava entre esses dois polos. Uma deliciosa conflitiva. Uma instituição problematicamente amável. Ela abre o sorriso e lembra que sente saudade daquela conflitiva. Era um lugar muito múltiplo. Fazia-se muita coisa. Os conflitos não eram sofrimento para ela. Ela se ressentia sim de uma coisa: ter paulatinamente se afastando dessas instituições e entrando de vez para a universidade. Hoje em dia pensa que ficar somente num lugar e não ter nenhuma prática fora não é bom. Após o racha, uma parte seguiu no IBRAPSI cooperativado, outra criou o CESOP e outra ainda, na qual embarcou, criou o Núcleo. IBRAPSI durou talvez mais uns dez anos e acabou por último. O Núcleo se formou antes, mas sem precisão, talvez tenha acabado na mesma época que o CESOP que se constituiu um tempo depois.

O pós-IBRAPSI, a universidade e sua relação com a clínica.

Heliana mais para o final da entrevista começa a se lembrar de várias pequenas histórias que, eu entendo, dizem da esquizoanálise e sua relação com a clínica. Duas anedotas sobre formação e esquizoanálise: a) Numa época bem posterior Tânia Kolker foi chamada na UERJ em uma disciplina pra falar de esquizoanálise. Os alunos ficaram “revoltados”, afinal que linha teórica era essa que não tinha formação definida, não tinham diretrizes?... b) Diz-se que em certo momento Mônica Silva utilizava os oito princípios do Guattari⁶ para divulgar algo que ela já estava fazendo. Houve uma “revolta” em meio aos colegas da UERJ, analistas

⁴ Ela diz que O inconsciente maquínico é um livro muito mal traduzido. Eu digo que em francês também é horrível. Ela responde que o François Dosse escreve umas coisas com a qual ela não concorda, que o Guattari escreve mal. “Ele na verdade tem uma outra forma de escrever. Livros bem traduzidos dele são ótimos: Revolução Molecular, Três ecologias...”.

⁵ Idem, nota 2

⁶ Cf. GUATTARI, F. Pistas para uma esquizoanálise – os oito princípios. Fragmento do livro Inconsciente Maquínico que Suely Rolnik publicou no Brasil no Livro Revolução Molecular.

institucionais, porque entenderam que ela estava propondo a nona pista. Então isso contaminou as pessoas e uns alunos de uma disciplina do Prof. Ronald Arendt fizeram um vídeo. Nesse vídeo fictício, um grupo de alunos ia a Paris consultar Guattari em busca da nona pista. Lá Guattari diz “que bom que vocês são brasileiros, gosto muito daquelas duas moças, ‘Xuxá’ e ‘Angelicá’⁷”. Conclusão: Guattari é um idiota. Voltam ao Brasil e apelam ao espírito de Raul Seixas em uma mesa espírita. Alguém pergunta: “mas você acha que isso é uma prática científica?” Outra responde: “trate isso como um dispositivo”. Muitos risos. Segundo Heliana os alunos eram muito entusiasmados. Hoje em dia está bem difícil dar aula, por exemplo, de Análise Institucional na graduação, porque os alunos não têm muita experiência de viver relações de poder intensas e discutidas. Eu digo que é uma dificuldade de entender o problema. Porque se você não entende o problema, não consegue entender o conceito. Um certo alisamento neoliberal, tudo fica meio chapado. Ela questiona-se, no entanto, se hoje em dia, com a atual crise da UERJ, talvez isso não possa ter mudado.

Pergunto se além de psicoterapeuta ela também fazia outro tipo de intervenção. Ela então responde que no Núcleo sim. No livro *Grupos e Instituições em Análise*, tem uma intervenção na Light com Regina e Ana Beatriz e a outra numa escola com Regina. Anos depois uma na Brahma com Antônio Carlos Cerezzo, seu ex-aluno. Pergunto sobre as marcas do IBRASI na sua prática. Ela responde: “todas”. Continua como psicoterapeuta um tempo no Núcleo e depois na sua casa. Com o doutorado em São Paulo foi parando aos poucos. Outra marca para ela foi o projeto clínico do grupo Tortura Nunca Mais que começa ainda na época do Núcleo, na junção da Cecília, Saidon e o pessoal do Núcleo. A partir do doutorado houve uma exclusividade em relação à universidade. Heliana diz que hoje se arrepende. “Não é legal se meter na universidade somente. Não é somente pelo não pagamento atual. Não é do ponto de vista das finanças, mas dos investimentos que ficam muito condensados na universidade. Antes deu entrar pra UERJ, fazia mil coisas. Claro, eu era jovem. Aí você vai envelhecendo, vai se concentrando num lugar, vai buscando segurança. Isso não existe. Aí você se melancoliza, porque perdeu o que nunca foi verdade.” Clima. Eu respondo: no IBRASI existia aquela multiplicidade que você disse que gostava tanto. Análise, supervisão, grupos, aulas, festas, brigas, erotismo, assembleias, congressos... Ela segue: a minha vida tem muitas histórias engraçadas. Um dia escreverei um livro de crônicas.

⁷ Os acentos agudos na última sílaba estão inseridos para reproduzir foneticamente o sotaque francês transmitido oralmente na entrevista.

Digo que a última pergunta tem a ver com nossa proximidade, pois eu já a havia visto falar da clínica em três momentos: a) Simpósio de Esquizoanálise na UERJ, Heliana abre o Castel e reproduz sua crítica de não transformar a esquizoanálise num novo especialismo clínico; b) Evento do CRP, “O ano da psicoterapia”, Heliana começa a fala perguntando, “porque não o ano sem a psicoterapia?”; c) Na minha banca de mestrado, Heliana pergunta “você chamam isso de clínica, porque não chamar de vida?”. Ela responde: “sim, esse negócio de clínica me irrita um pouco”. Irrita que tudo se transforme em clínica. Teve outras duas que ela relata que eu não presenciei. Num evento em que o Gregorio a chamou, era Klinica com K, ela abre dizendo “não sei nem o que é clínica com C, quanto mais com K”. A outra foi um evento sobre clínica ampliada, ela pergunta, “porque não uma clínica reduzida ou uma clínica entre aspas?” Segundo ela, há outras maneiras de tocar a vida. Ela gosta de uma frase do Guattari (no livro com a Suely) que diz “há muitas profissões mais idiotas que essa, mas que isso se torne algo que vá implicar numa hierarquização das pessoas’...isso é desagradável. Pessoas que faziam um trabalho maravilhoso, num certo momento dizem que vão se afastar porque precisam fazer uma formação em clínica.” Ela acha isso bobo. Eu digo: que práticas de cuidado podemos implementar? Ela responde que sim, através do Foucault do cuidado de si podemos pensar outras práticas de cuidados hoje, abrir outras ideias.

Segunda entrevista (Rio de Janeiro, 28 de maio de 2019)

Tendo em vista a finalização da tese e os seus caminhos um tanto inusitados, lembrei-me de uma aula dada pela professora Ângela Maria Dias Fernandes nos tempos idos de 2002 na disciplina de Psicologia e Escola II na Universidade Federal Fluminense quando eu era graduando. No final da aula ela disse que fez parte de um grupo na década de 90 que optou pela autodissolução. Anos depois, volta-me a memória essa instigante fala proferida já com poucos alunos na sala. Consegui seu contato de *whatsapp* e lhe enviei um áudio. Ângela respondeu simpaticamente. Lembrou-se da questão, respondeu com alguns áudios que eu poderia resumir da seguinte forma: um processo de autodissolução, tal qual pensado por Lourau, é um dispositivo empreendido coletivamente, quando o grupo coloca em pauta a verificação de se não chegaram a seu nível máximo de crescimento e capacidade de intervenção ou reconhece que chegou a níveis de institucionalização que não interessam mais à atividade de pôr em análise. A conversa foi longe e Ângela também remeteu à Heliana Conde as falas mais contundentes deste processo de autodissolução. Enviei então um e-mail para Heliana. Marcamos uma segunda entrevista.

Fui a UERJ no dia 28.05.2019 às 14h na sala da Heliana. Lá nos encontramos como de costume. Tentativa de ligar o gravador: não funcionava. “A recalcitrância das coisas. Os não-humanos protestam” contra o excesso, disse ela. Esse foi um dos primeiros assuntos, a importância da oralidade e o exagero, já que eu disse que aquela seria essa uma entrevista excedente e eu ainda havia incluído uma outra que chamei de incidental... “as melhores são sempre incidentais”, disse ela.

Heliana explica que ficou tentando situar os acontecimentos dos quais eu falei no tempo, mas não conseguiu muito bem. Em resumo, eles alugaram uma sala em frente ao motel Édén e tiveram problemas para pagar o aluguel porque as pessoas atrasavam seus pagamentos. Diz ser semelhante ao que aconteceu no IBRAPSI na questão das porcentagens, o “analisador D”. Ela tem impressão que o que Ângela fala foi quando eles resolveram acabar com a sala. Tentaram ter uma sede e não deu certo, mas depois disso seguiram dando curso e se reunindo em outros ambientes como sindicatos. Seguiram dando aulas ou cursos e fazendo intervenções institucionais. Muitos planos de publicação dos cursos dados que redundaram em dois livros das intervenções. Ela diz que o IBRAPSI também publicou muito. Volta ao Lourau: “O que era o livro *A Autodissolução das vanguardas? Manifesto de autodissolução de tudo o que você pode imaginar*, desde o grupo Socialismo e Barbárie até a organização de defesa de animas da Brigitte Bardot, mas eu acho que o artigo que está no livro *Analista Institucional em tempo integral* é mais interessante. Ele fala da importância da autodissolução para a invenção de novas formas.” Heliana então me sugere esse artigo do Lourau, o livro Lourau na UERJ e a dissertação da Lúcia Maria Osório Moraes⁸. Explica que Lúcia foi do IBRAPSI e fez a tese dela com Lourau na década de 90. Eu tentei entrevistá-la, mas por algum motivo que não me lembro, não consegui. Dei a devolutiva para Heliana das entrevistas. Ela me diz então que tem muito interesse em ler os diários de campo, prometendo que não usaria pra nada.

Eu pergunto se podemos colocar o Tortura Nunca Mais como derivado desses rachas no IBRAPSI. Ela responde que o Tortura não. “Talvez o projeto clínico, mas não eram da mesma época. Minha relação com Cecília e Regina é pós-IBRAPSI, já da época do Núcleo. Ou seja, se for pra falar de filiação, o projeto clínico do Tortura descende do Núcleo”. Então concluímos que nesse plano de dispersão, podemos falar que o Núcleo, o CESOP derivam de rachas com o IBRAPSI. Ela diz que houve saídas anteriores esparsas que não tiveram grande expressão, das quais constituíram-se “mais psicanalistas, ligados ao movimento lacaniano”.

⁸ Cf. respectivamente LOURAU, R. *Grupos e Instituições*; LOURAU, R. René Lourau na UERJ – análise institucional e prática de pesquisa; MORAES, L.M.O. - *Institucionalismo carioca: uma novela familiar*.

Ela diz que existiu outra instituição da qual ela não se lembra do “nome do rapaz”, talvez José Luís, um rapaz que instigava uma moça nas aulas do Gregorio a fazer perguntas do tipo “como ficava a questão do Édipo estrutural na criança órfã”. Momento de amplas risadas.

Essas pequenas saídas não criaram formação. Ela diz que o CESOP fazia uma formação ao passo que o Núcleo nunca o fez. Isso inclusive era uma divisão dentro do Núcleo. Havia uma ala que entendia que deveriam oferecer uma formação e Heliana era daquelas que defendia que não devia ter. Ela entendia que eles faziam formação entre eles mesmos. “O que acaba com o Núcleo não é o problema da formação. O que acaba com ele é a clínica; a tentativa de criar uma clínica assistencial e as discussões de como seria isso; do dinheiro; quem pode ser da clínica, etc. Por isso que eu digo que não foi uma autodissolução por conta da institucionalização, mas por conta do conflito em relação à clínica. Sobre isso já não sei mais o que eu achava. Só lembro que eu achava que as coisas que alguns achavam eram tenebrosas.” Eu: “Você lembra qual a discussão? Quantos membros tinham o Núcleo?” “Éramos em torno de 30, mas desses somente uns 20 foram aqueles vindos do rompimento. Os outros 10 já era gente que chegou depois e poderia chegar mais gente. Depois que houve o acabamento da sede, não precisava pagar mais nada, qualquer um podia ser do Núcleo, só precisava frequentar as reuniões. Aí é que eu acho que a coisa pegou, porque quem poderia ser da clínica do Núcleo? Todo mundo, mas tinha gente querendo estabelecer critérios. A questão era a grana, daí recomeçava a questão chata, ou seja, voltava o IBRAPSI, o percentual...” Eu: “quem era analista participante livre, quem era didata...” Ironias e risos de ambos. Ela: “isso, AE [analista da escola], analista isso, analista aquilo. Foi ficando desagradável, a gente brigava. Pequenas brigas anteriores não redundaram em ruptura. O Osvaldo tinha razão: ‘vocês pensam que deixaram tudo de ruim no IBRAPSI?’” Eu: “Porque não é do IBRAPSI né, faz parte do processo de institucionalização.” Ela: “claro, a gente achava que deixava o lixo autoritário pra trás e ia embora feliz e contente pra se libertar. A experiência do Núcleo também foi muito boa. Os cursos foram muito interessantes, as intervenções foram muito boas. Demos três cursos muito bons: um de psicanálise e ciências sociais – uma coisa que eu pensava – pegava desde como a psicanálise pensava as questões sociais, como a sociologia pensava as questões sociais e as imanências como a esquizoanálise também. Chamamos gente de fora para falar; um curso sobre Análise Institucional que alguns artigos estão no Grupo e Instituições [...]; um sobre grupos. Cursos grandes, com muita gente e bons cursos. Formativos em outro sentido! E fizemos duas ou três intervenções [...]. Nos aproximamos de pessoas como Cecília Coimbra, Regina Benevides, Vera Vital Brasil, que não eram do IBRAPSI, que redundou no projeto clínico do Tortura Nunca Mais. Osvaldo, por

exemplo, era muito próximo deste projeto clínico, creio que ele só não ficou porque voltou pra argentina.”

Heliana relata a existência de um outro grupo, o CIR – Centro Internacional de Investigação em Psicologia Social e Grupal. Era um grupo com sede na Itália que tinha ramificações na Espanha e no Brasil. Foi criado pelos analistas argentinos que foram para a Europa. Armando Bauleo, por exemplo. Ela relata que houve uma grande briga num dos congressos do CIR, por vários motivos, um deles a partir de uma palestra dada por ela mesma. “Bauleo fico puto da vida. Eles me atacaram muito. O grupo não me defendeu, tendo eu dito uma coisa que todo mundo achava.” Ela diz que havia três departamentos no CIR, um de grupo operativo, outro de A.I e um terceiro não citado; essa experiência relatada, diz Heliana, é pós-Núcleo, talvez ano de 1989/90. O CIR tinha uma estrutura do tipo “comitê central”, então havia um representante de cada linha do CIR no Brasil. Ela era representante do grupo operativo. No congresso era apresentado um relatório de dois anos do que havia acontecido. Ela apresentou o relatório e todos ficaram furiosos, porque faziam críticas ao dispositivo do grupo operativo e isso não podia. Eu lembro: “mas não foi Bauleo quem disse ao Gregorio que grupos e assembleias eram espaços pra questionar?”

Ela se lembra que durante a feitura de sua tese, no ano de 1997, foi à Argentina fazer algumas entrevistas e perguntou: “o Bauleo tá aí?”. A resposta foi: “você vai querer entrevistar o Bauleo depois daquela briga que vocês tiveram em Madri?” Ela responde então que já que eles acham que ele estaria zangado, então não. Um tempo depois o Osvaldo a telefona dizendo: “Ah, o ‘gordo’ tá aqui, ele quer te ver.” Marcaram numa biblioteca. Ele lhe deu uma ótima entrevista, contando-lhe histórias impagáveis sobre Pichon-Rivière. Foi ótimo. Fizeram as pazes.

Entendemos que esta história com Bauleo foi interessante. Ele ia bastante ao IBRAPSI e era o cara da alegria. “Todas as vezes que ia ao IBRAPSI, provocava muito, mas quando foi com ele... A gente custou a entender qual era a questão do CIR com os brasileiros, porque a gente gostava muito de A.I. Os italianos, que era com quem o Bauleo tinha mais ‘clientela’ não ligavam muito para a A.I., porque ela era francesa, mas pra A.I. que os brasileiros levavam, eles ligavam, então eles podiam se tornar analistas institucionais por conta do Brasil”. Eu digo que fizemos alguma coisa outra aqui da A.I. Algo que os franceses não se reconheciam, afinal nossa A.I. tinha trabalho com grupos. Ela segue: “então Bauleo ficava furioso, porque ele tinha o grupo operativo e os brasileiros chegavam falando que o bom mesmo era A.I, assembleia geral e Deleuze e Guattari. Certamente que na minha fala, que eu não me lembro mais, eu devo ter falando algo assim. Tive uma briga horrível com Osvaldo

também.” Ela diz que havia no CIR uma estrutura representativa que os brasileiros queriam que acabasse: “representante do departamento tal, bem centralismo democrático. Quem era mesmo dono do CIR era o Bauleo. Ele queria os brasileiros, mas não queria que eles bagunçassem. Ele disse aquilo para o Gregorio, mas quando foi com ele, não quis.” Eu respondo: Talvez seja algo similar ao que aconteceu naquele I Encontro Latinoamericano de Esquizoanálise realizado em 2004 que o que rachou foi a ideia de criar uma regulação internacional da formação em esquizoanálise. Heliana diz que o que rachou foi por conta do murro do Gregorio no Luís Fuganti. Eu digo que o murro foi a consequência, mas as discordâncias giravam em torno do centralismo. Ela diz que não sabe ao certo e que ainda bem que não foi a esse congresso, porque já tinha feito as pazes com eles todos, chegando lá teria que se posicionar e daria problema novamente. Rimos bastante.

Voltando para o Núcleo, perguntei como foi o fim. Ela responde que como eram “pouco institucionalizados”, as reuniões que sempre eram marcadas a cada encontro na casa de alguém, em escolas e sindicatos, foram se esvaziando. “Não houve um manifesto de autodissolução. Risos. Houve pequenas autodissoluções durante a história do Núcleo, por exemplo, a sede”. Por isso Heliana acha que ela deve ter feito sim uma fala, não como a Ângela lembra, mas algo do tipo “‘isso não está dando certo. A gente está carregando um peso da institucionalização que não precisamos’. Não ia ficar brigando com as pessoas que não pagaram a mensalidade. Foi rápido. A gente ficou muito órfão do IBRAPSI. Essa saída do tipo ‘leão da montanha’⁹ foi triste. A gente tinha que fazer, sabia que não ia dar pra continuar naquela palhaçada – comprar a instituição – mas a gente não queria ir embora do IBRAPSI. Era o nosso lugar de encontro. Era onde a gente se fortalecia, encontrava nossos amigos, nossos mestres, a nossa clínica... Por exemplo, já no Núcleo, alugamos uma casa na Pinheiro Guimarães pra fazer uma clínica. Tinham quatro consultórios. [...] Éramos uns dez. Além do Núcleo, tínhamos pequenos aglomerados. Ninguém queria ficar sozinho.” Eu pergunto: por que ficar sozinho, não é mesmo? Escuto de muitos clínicos dizendo “me sinto muito sozinho aqui no consultório”. Ela: Poderia ter sido assim, não é?! ‘Vou me embora, vou para meu consultório, não quero mais essa brincadeira’. Todos da casa eram do Núcleo. Até hoje me dou com as pessoas. A gente vinha da clínica assistencial do IBRAPSI. Como a gente fazia? A casa era de todo mundo, a gente tinha os nossos horários que podiam ser em qualquer dos consultórios, montados com nossos móveis que cada um levou. Como pagávamos o aluguel da casa? De acordo com o número de atendimentos feitos. Por exemplo,

⁹ Personagem da animação Hanna-Barbera da década de 1960 que promovia uma saída rápida das cenas em geral pela esquerda.

você atendeu 40, eu atendi 20 e o outro 3. Cada um pagava proporcional. Era igual ao esquema da clínica assistencial, mas o dinheiro era pra pagar o aluguel e não pra alguém ficar com ele. Isso em algum momento começou a não dar certo. Não me lembro bem qual era a questão; se alguém não pagava na data, enfim. Durou uns dois anos bem. Depois dividimos os consultórios, cada dois ficaram com uma sala e pagavam um quarto do aluguel. Aquilo que achamos muito justo, não funcionou. Achávamos que quem atendia pouco não ligava para casa. Quem atendia mais acabava cuidando mais e que os outros deixavam de qualquer maneira. Pensamento capitalístico. A gente tenta lutar contra isso, mas as vezes enche; você perde muito tempo lutando contra isso. A gente não tinha mais proprietários, mas nem sempre conseguia se acertar. Não era mais porque tinha que dar um dinheiro para o IBRAPSI. Era porque o pessoal imaginava coisas estranhíssimas. Controles muito esquisitos.” Eu: “vindo de quem?” Ela: “das próprias pessoas. Eu tenho impressão que eu tinha uma posição de que devíamos forçar a barra para atendimentos em grupo. ‘O IBRAPSI não fez, vamos fazer. A gente é grupalista. Ah, as pessoas não querem. Não importa, as pessoas que não venham pra cá. Ah, mas aí a gente não tem cliente.’ Teríamos os clientes que tinha a ver com nossa proposta. Aí tudo dependia se você era aquele pássaro que comia num lugar e cagava num outro¹⁰. Se se é esse pássaro é tudo mais fácil...ser analista institucional sendo este pássaro, ter um outro lugar de onde você tira o seu sustento.”

Algumas poucas considerações finais

Todo esse rico material merece algum comentário, não exaustivo, sobre alguns pontos interessantes. Em primeiro lugar, o caráter combativo, um entusiasmo, uma utopia ativa de fundação da liberdade. A certeza juvenil que se tinha naquele momento inaugural do IBRAPSI. Lembremos que o IBRAPSI furava a bolha das instituições de formação em psicanálise no Brasil ligadas à IPA e por isso mesmo foram muito atacados. Em segundo lugar, uma Heliana praticante da psicanálise ou clínica *psi*, seja no IBRAPSI, na clínica do Núcleo ou em consultório particular, não sem conflitos internos sobre isso. Tornou-se uma crítica da clínica, creio que não toda ela, mas uma tendência especialista, de uma hierarquização entre os clínicos e os não clínicos e a formação como modelo de sequestro das pessoas que já estavam fazendo um bom trabalho. Contudo, avalia também que ter ficado somente na universidade não foi bom, porque perdeu aquela multiplicidade ibrapSIana de

¹⁰ Referência ao livro do Gregorio Barenblitt, *Ato Analítico e Ato político*, onde ele descreve os diversos tipos de analistas institucionais. Heliana se refere ao jeito mais “fácil” (ganhar dinheiro em outro lugar e fazer as experimentações clínicas grupalistas no consultório coletivo) ou o jeito mais “difícil” (ter sua renda toda baseada nos espaços grupalistas ou de experimentação clínica).

trabalho em várias frentes não necessariamente “clínicas” *strictu sensu*. Em terceiro lugar, o que podemos chamar de processo de institucionalização que talvez seja a tônica que atravessa toda a entrevista. As entrevistas com os egressos do IBRAPSI têm muita autocrítica dos seus participantes, mas também aponta um perigo personalista de imputar às pessoas x ou y os inícios e fins institucionais. Por mais que a juventude combativa não deixasse passar incólume o centralismo democrático das decisões e das pautas fechadas em assembleia, havia um inevitável processo de institucionalização para o qual muitas vezes se fazia uma opção de ataque frontal e personalista sem entender que aquilo não era “do” IBRAPSI, necessitando desconjurar seus efeitos mortíferos em qualquer instituição. Em outras palavras, desejando uma espécie de atividade fim formativa, poder suportar e colocar em análise uma máquina burocrática que se desejava no mesmo processo. À medida que a entrevista avança vemos os problemas se repetirem no Núcleo, no CESOP, no Tortura Nunca Mais e em qualquer instituição que surgisse para formar clínicos. Instituições essas, bom lembrar, que já surgiram criticando uma formação elitista e engessada em psicanálise, a das “oficiais” da IPA no Rio de Janeiro. Ou seja, o problema não era o IBRAPSI, mas nossa relação com isso que não para: a institucionalização, o registro da produção, a produção de produção e a produção de reprodução. Precisamos modular o problema não para fundar a liberdade numa próxima instituição, mas cuidar daquelas que fundamos numa espécie de dispositivo híbrido: meio Guayaki¹¹ na esconjuração do centripetismo estatal que ronda as instituições, meio associacionista sindical no espanto da solidão na clínica e na defesa grupal daqueles que estão se formando. Isso nos faz chegar a um quarto debate, que é a da verificação dos níveis de institucionalização e do desejo do grupo envolvido em continuar. Não porque se tenha a ilusão de que se fundará uma instituição melhor, caso venha a atual a se dissolver, mas a certeza coletiva de que consumiram ali, naquele projeto, o desejo e os meios de fazer aquele trabalho que haviam se proposto.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio. Ato psicanalítico e ato político. Belo Horizonte. Segrac, 1987;

CASTEL, Robert. O psicanalismo. Graal: Rio de Janeiro, 1978;

CLASTRES, PIERRE. A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política. São

¹¹ Cf. CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado

Paulo: Cosac Naify, 2012;

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981;

LANGER, Marie (comp). *Questionamos: a psicanálise e suas instituições*. Vozes: Petrópolis, 1976;

LOURAU, René. RENÉ LOURAU NA UERJ - ANÁLISE INSTITUCIONAL E PRÁTICAS DE PESQUISA. *Mnemosine*, [S. l.], v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41317>. Acesso em: 30 set. 2024;

LOURAU, René. *Autodissolution dès avant-gardes*. Paris: Edition Galilé, 1980;

LOURAU, René. *Analista Institucional em tempo integral*. Hucitec: São Paulo, 2003;

MORAES, Lúcia Moraes Osório. - *Institucionalismo carioca: uma novela familiar*. Dissertação de Mestrado. IMS/ UERJ, 1994;

RODRIGUES, Heliana Conde de Barros; SÁ LEITÃO, Maria Beatriz; DE BARROS, Regina Duarte Benevides. *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

André Rossi.

Formação Livre em Esquizoanálise – FLEA.

E-mail: a.rossi.psi@gmail.com
